

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS

BÁRBARA GNEWUCH

A PERSPECTIVA PARCIAL DO NARRADOR EM *HARRY POTTER*

Porto Alegre

2011.

BÁRBARA GNEWUCH

A PERSPECTIVA PARCIAL DO NARRADOR EM *HARRY POTTER*

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de licenciado em
Letras pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Dr^a Elaine Barros Indrusiak

Porto Alegre

2011.

"Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre o Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele!" – *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo carinho, incentivo e apoio em todas as decisões que tomei. Nenhuma palavra é suficiente para expressar meu amor por vocês.

À minha orientadora Elaine, por me aceitar como orientanda quando eu mesma não estava muito certa sobre o recorte. Pelas conversas esclarecedoras e por estar sempre disponível.

Às minhas amigas Aline e Jéssica, por me apresentarem *Harry Potter*. Por me fazerem viciar na série, pelas conversas *pottermaníacas* e pelas teorias mirabolantes. Vocês faziam o trajeto casa-colégio-casa muito mais divertido.

À Elisa, Gabriela, Julia e Renata pelas conversas, risadas e companheirismo. Vocês são umas amadinhas.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar uma análise sobre dois personagens da série de livros *Harry Potter*. Sendo assim, a base teórica para a análise são os conceitos de narrador, de foco narrativo e de narrador infiel. Segundo Wayne Booth (1961) o conceito de narrador infiel não implica que o narrador minta, apenas que não se pode confiar em tudo o que narra. Os personagens escolhidos para análise são Neville Longbottom e Draco Malfoy. A escolha deles se dá devido a suas participações na série: o primeiro começa como um garoto atrapalhado e termina como um dos heróis da Batalha Final; o segundo, antagonista de Harry Potter, inicialmente é visto de forma maniqueísta como uma má pessoa e ao final da série se transforma em um personagem complexo.

Palavras-chave: Narrador infiel, Maniqueísmo, Foco Narrativo, *Harry Potter*

ABSTRACT

This study intends to present an analysis of two characters from the *Harry Potter* book series. Therefore, we use the concepts of narrator, point of view and unreliable narrator in order to support our analysis. According to Wayne Booth (1961), the concept of unreliable narrator does not denote a narrator who lies; it only means that the reader can not trust everything the narrator tells. We chose Neville Longbottom and Draco Malfoy as characters to be analyzed. They were chosen due to their participation in the series: the first one starts as a confused boy and ends as a hero of the Final Battle; the second one is Harry Potter's opponent, represented as a bad person through a manichean perception, but is transformed into a complex character.

Key-words: Unreliable Narrator; Manichaeism; Point of view; *Harry Potter*.

Sumário

Introdução.....	8
1.Pressupostos Teóricos.....	9
2.Neville Longbottom e o nascimento de um herói.....	15
3.Draco Malfoy: muito além do garoto mimado.....	23
Considerações Finais.....	32
Referências.....	33

Introdução

Uma das razões que motivaram a escolha da série *Harry Potter* como objeto de análise deste trabalho é o fato de ela ser desvalorizada no meio acadêmico, não sendo objeto de muitos estudos. Essa desvalorização se dá, a princípio, pelo fato desta obra ser um *best seller*, a chamada literatura de massa. Algumas pessoas tendem a ter preconceito com aquilo que cai no gosto popular, como novelas, livros *best seller* e filmes *blockbusters*, devido à crença de que a cultura é reservada a poucos privilegiados.

Harry Potter é uma série que não é possível ignorar. Resumir a história como a de um “menino órfão, maltratado pelos tios, que descobre que é bruxo e, assim, que é possível viver uma vida diferente da qual ele está acostumado” é simplista demais. *Harry Potter* não é apenas uma série de livros em sete volumes que rendeu oito adaptações cinematográficas, um parque temático e milhares de produtos licenciados. Não é apenas um dos maiores fenômenos editoriais dos últimos tempos. Essa saga abriu as portas da leitura para muitas crianças e adolescentes que antes não possuíam esse hábito. O tempo de espera entre o lançamento de um livro para o outro fez com que muitos fãs recorressem às *fanfictions*, histórias sem fins lucrativos, postadas em sites especializados na internet, onde o fã-autor narra a sua versão de fatos já existentes ou não.

Este trabalho tem como finalidade analisar dois personagens através dos olhos do narrador-infiel – parcial - que aparece nos livros e, para isso, será dividido em três partes. A primeira parte será destinada ao aparato teórico, onde serão reunidas as mais diversas classificações de narrador, além do maniqueísmo presente na visão e mundo infantil. A segunda parte será a análise do Neville Longbottom, personagem que evoluiu de desajeitado para herói da guerra. A última parte do trabalho trata da mudança da perspectiva sobre Draco Malfoy, de antagonista completamente mau, segundo o ponto de vista do narrador Harry Potter, a uma pessoa com quem, em função de seus problemas, podemos simpatizar.

1. Pressupostos Teóricos

O ato de contar histórias é tão antigo quanto a presença do narrador, que é um dos itens fundamentais para a estrutura das narrativas. Ele pode nos contar tudo o que acontece na história e algumas vezes sabe do passado, do presente e do futuro dos personagens. Pode também saber o que eles pensam e sentem e, se for de seu interesse, transmite tudo isso para nós leitores. Faz parte da natureza humana a tendência em acreditar em quem nos relata algum fato, por isso nós leitores damos muita credibilidade àquilo que o narrador conta, acreditamos nele quase que cegamente. No entanto, é muito comum nos enganarmos com o narrador, já que “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou” (LEITE, 1985. p 6) e faz pouco tempo que começamos a nos dar conta disso. Ele, por ter um conhecimento prévio dos acontecimentos, seleciona, propositalmente ou não, aquilo que vai nos mostrar. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”(BENJAMIN, 1994. P 201). Assim, por retirar de sua experiência, o narrador, como qualquer pessoa, seleciona o que contará, tornando uma voz até então absoluta em algo pouco confiável. O narrador se torna infiel.

Um narrador infiel não significa obrigatoriamente que é um narrador mentiroso, mas sim que ele não é confiável (*unreliable*). Ele pode simplesmente nos mostrar aquilo em que acredita e essa crença ser equivocada. Quando se conta algo a alguém, é preciso estabelecer certa posição perante aquilo que é contado. Esse é o foco narrativo. O narrador sempre deixa sua marca no material de sua narrativa e isso é inevitável. O escritor americano Henry James escreveu, em prefácios de suas obras, - todos eles reunidos postumamente no livro *The Art of Fiction and Other Essays*-, que acredita em uma presença sutil do narrador, fazendo com que o leitor tenha a impressão de que a história é contada por si mesma. O ideal, segundo ele, é que o narrador se aloje na mente de um personagem, refletindo suas ideias: “Dá-se aí o desaparecimento estratégico do narrador, disfarçado numa terceira pessoa que se confunde com a primeira” (LEITE,1985. P 13). O narrador em *Harry Potter* é um exemplo desse desaparecimento, como será visto mais adiante.

Os primeiros estudos sobre o narrador são da época de Aristóteles e Platão com suas concepções de *imitar, narrar e verossimilhança*. As ideias de *imitar e narrar* inclusive serão revisitadas séculos mais tarde, sob o nome de *mostrar e contar*. Por muito tempo, acreditou-se que existiam dois tipos básicos de contadores de história: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário.

“Entre esses, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. ‘Quem viaja tem muito a contar, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante” (BENJAMIN, 1994. P 198-199)

Com o passar do tempo, percebeu-se que a forma mais comum de contadores de histórias seria uma fusão do marinheiro, que traz as histórias que ouve nos portos, com o camponês, que escuta as histórias de gerações anteriores à sua. O contador ideal seria, portanto, o aprendiz viajante, já que transporta as histórias de sua região para o lugar por onde viaja e lá aprende outras.

Percy Lubbock, em 1921, revisita Platão e retoma seus conceitos como *narrar e mostrar*. Essa classificação se dá em função do papel exercido pelo narrador. Se ele intervém bastante ao contar, ele está *narrando* mais que *mostrando*. Lubbock também aborda o tratamento dado pelo narrador que, segundo ele, pode ser dramático quando os acontecimentos são apresentados diretamente ao leitor e pictórico quando o narrador nos conta e nos resume alguns fatos, passando por cima de alguns detalhes. Uma terceira classificação seria a junção do dramático com o pictórico, a pictórico-dramático, onde os acontecimentos são refletidos na mente de um personagem, predominando o discurso *indireto livre*. É o que acontece em *Harry Potter*, como veremos mais adiante.

Wayne Booth é quem afirma que existe o *autor implícito*, um autor escondido por trás de um personagem ou de uma voz narrativa. É esse autor implícito que comanda todos os elementos na narração: o narrador, os personagens, os fatos narrados, espaço, tempo (tanto cronológico quanto psicológico) e linguagem. É importante

ressaltar que o autor implícito é diferente do autor real, o primeiro é uma imagem do segundo.

Para Jean Pouillon (1974), existem três tipos de visões narrativas: *a visão por trás*, *visão de fora* e *a visão com*. Na *visão por trás*, é possível dizer que o narrador é onisciente porque ele tem todo um conhecimento da vida do personagem e seu destino, sendo uma espécie de Deus. A *visão de fora* é como se fosse a de uma câmera, em que apenas os acontecimentos são descritos, não há como saber ou identificar pensamentos, emoções ou interpretações dos personagens. Por último, temos a *visão com*, onde o narrador limita-se ao conhecimento de determinado personagem sobre si mesmo e sobre o mundo à sua volta. Essa é a visão presente nos livros de *Harry Potter*.

A contribuição de Norman Friedman (1967) para os estudos sobre o narrador foi a classificação dele em diversos tipos. *Autor onisciente intruso*: possui um ponto de vista “divino” e tece comentários sobre a vida, os costumes, a moral, que podem ou não estar ligadas com a história narrada. *Narrador onisciente neutro* é o que fala em terceira pessoa. O narrador é encarregado da caracterização dos personagens e as outras características são as mesmas do autor onisciente intruso, distinguindo-se apenas por não comentar e nem se intrometer no comportamento dos personagens. *“Eu” como testemunha*: é narrado em primeira pessoa por um personagem secundário, testemunhando a história. *Narrador-protagonista* é narrado em primeira pessoa e é limitado às suas percepções e sentimentos. Na *onisciência seletiva múltipla*, a história vem diretamente da mente dos personagens, é frequente a presença de discurso indireto livre. A *onisciência seletiva* se diferencia da categoria anterior apenas por tratar-se de um só personagem, e não de muitos, limitando a esse único personagem os sentimentos, pensamentos e percepções. Como o anterior, utiliza o discurso indireto livre. É nessa categoria que se encaixa o narrador em *Harry Potter*. Ainda temos o *modo dramático*, em que se limita apenas ao que os personagens falam ou fazem. São as peças teatrais. Por último, mas não menos importante, temos *câmera*, que são as narrativas que tentam transmitir *flashes* da realidade, arbitrários e mecânicos.

Harry Potter é narrado em terceira pessoa, mas é uma terceira pessoa com algumas particularidades. Ela se confunde com a primeira pessoa. O narrador possui a

onisciência limitada ao personagem Harry Potter, com a exceção do primeiro capítulo de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Harry Potter e o Cálice de Fogo* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* e dos dois primeiros capítulos de *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e, mesmo assim, o narrador é limitado a certos personagens. Assim, todas as impressões que temos são as mesmas do protagonista, ou seja, o foco narrativo, no primeiro livro da série, é o de um menino de 11 anos cujo conhecimento de mundo não vai muito além do armário debaixo da escada.

“Harry apanhou a varinha. Sentiu um repentino calor nos dedos. Ergueu a varinha acima da cabeça, baixou-a cortando o ar empoeirado com um zunido, e uma torrente de faíscas douradas e vermelhas saíram da ponta como um fogo de artifício, atirando fagulhas luminosas que dançavam nas paredes.” (ROWLING, 2000. P 77)

Portanto, como cada livro cobre um ano na vida de Harry Potter, o personagem e o narrador vão amadurecendo, o mundo dele vai aumentando e, conseqüentemente, sua visão de mundo. Com esse amadurecimento natural, que se origina também do crescimento pessoal, devido às situações presenciadas ao longo dos anos, é possível notar a mudança de opinião com relação aos demais personagens. A forma maniqueísta de pensar de Harry, assim como todas as crianças, se transforma com o passar dos anos.

“O **maniqueísmo** é uma forma de pensar simplista em que o mundo é visto como que dividido em dois: o do Bem e o do Mal. A simplificação é uma forma primária do pensamento que reduz os fenômenos humanos a uma relação de causa e efeito, certo e errado, isso ou aquilo, é ou não é. A simplificação é entendida como forma deficiente de pensar, nasce da intolerância ou desconhecimento em relação a verdade do outro e da pressa de entender e reagir ao que lhe apresenta como complexo.” (LIMA, 2001)

É por causa dessa mudança e do fato de ser narrado em terceira pessoa com foco no personagem principal que é possível dizer que o narrador em *Harry Potter* é infiel. Essa infidelidade é recorrente na literatura infanto-juvenil, uma vez que esse tipo de obra geralmente tem o ponto de vista do herói, geralmente pré-adolescente ou adolescente, cuja visão de mundo está dividida entre “bons” e “maus”. Ou seja, o maniqueísmo das obras decorre de realismo com que se trata a visão de mundo parcial e imatura do narrador-personagem ou daquele que direciona o foco narrativo.

Nos próximos dois capítulos, serão analisados dois personagens, Neville Longbottom e Draco Malfoy, e seu crescimento tanto pessoal quanto da evolução de

seus papéis, através dos olhos do narrador e sua não-confiabilidade. Antes de serem analisados, vamos fazer uma breve apresentação da história.

A série *Harry Potter* é composta por sete livros que representam, cada um, um ano na vida do protagonista. Harry é um órfão criado – mal tratado - pelos tios desde que tinha um ano de vida. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, Harry recebe um carta dizendo que foi aceito na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e lhe é revelado que seus pais foram assassinados pelo maior bruxo das trevas que já existiu: Lorde Voldemort. Nesta obra, Harry, junto com seus inseparáveis amigos Hermione Granger e Rony Weasley, impedem que o Lorde das Trevas roube a Pedra Filosofal – objeto que garante a imortalidade a quem a utilizar.

No segundo livro da série, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, um monstro capaz de matar os bruxos mestiços só com um olhar é solto na escola e Harry tenta descobrir quem o soltou. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* é o terceiro livro da série e nele um suposto Comensal da Morte – denominação aos seguidores de Voldemort – foge da prisão e está atrás de Potter. Sabemos que Sirius Black – o fugitivo – é inocente e padrinho de Harry, sendo, assim, sua única família.

O Torneio Tribruxo é o pano de fundo para *Harry Potter e o Cálice de Fogo* e é uma competição entre três escolas, sendo que cada escola escolhe um representante. Neste ano, o Torneio tem quatro estudantes, sendo que um deles é Harry. Ao final da obra, Potter presencia o retorno do Lorde das Trevas. Harry começa o próximo ano letivo desacreditado pela maior parte do mundo bruxo, que faz vistas grossas aos acontecimentos. Assim, em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, o Ministério da Magia interfere em Hogwarts e coloca uma representante do ministro para acabar com possíveis movimentos anti-ministério. É nessa atmosfera de repressão que surge a Armada de Dumbledore – espécie de grupo de estudos de Defesa Contra as Artes das Trevas. É nesse livro que tomamos conhecimento de uma profecia que diz que apenas Harry pode derrotar o Lorde das Trevas e que um não pode viver enquanto o outro viver.

Em seu sexto ano em Hogwarts – *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* – Harry encontra um livro de Poções, pertencente ao Príncipe Mestiço, com várias anotações sobre como melhorar poções e alguns feitiços que não se encontram em nenhum outro livro. Nesse meio tempo, Harry tem aulas particulares com Professor

Dumbledore, diretor da escola, em que aprende sobre a vida de Voldemort quando ele ainda era Tom Riddle. É neste livro também que Potter tem conhecimento de que Voldemort dividiu sua alma em sete pedaços e as colocou em objetos comuns – as Horcrux -, como diário, anel e tiara. Ao final do romance, Dumbledore morre.

No último livro da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, Hogwarts não é mais um lugar seguro, já que Dumbledore foi morto e Voldemort implantou seus seguidores tanto no Ministério quanto na Escola. Harry parte em busca das Horcrux para destruí-las e, só então, enfrentar o Lorde das Trevas e derrotá-lo.

1. Neville Longbottom e o nascimento de um herói

Neville Longbottom – colega de aula de Harry Potter, criado por sua avó paterna, extremamente atrapalhado e com baixa autoestima - é um dos personagens, se não o personagem, cujo crescimento pessoal está diretamente ligado ao aumento de sua autoconfiança. Esse crescimento é notado a partir de sua relevância na história, de sua importância na vida de Harry, uma vez que ele é o foco narrativo da história. Por esse mesmo motivo, nós só temos uma visão clara sobre Neville Longbottom quando ele passa de “colega de aula” a “companheiro de guerra”.

No primeiro livro da série, nós somos apresentados ao mundo mágico ao mesmo tempo em que Harry é. Somos guiados por esse ponto de vista e, assim como acontece com Potter, temos a visão parcial e superficial dos acontecimentos. É assim com a primeira menção a Neville, só percebemos ao reler o livro, já que cada leitura é uma leitura diferente.

“Harry empurrou o carrinho pela plataforma procurando um lugar vago. Passou por um garoto de rosto redondo que estava dizendo:

- Vó, perdi meu sapo outra vez.

- Ah, Neville – ele ouviu a senhora suspirar” (ROWLING, 2000. P 85)

“Ouviram uma batida à porta da cabine e o menino de rosto redondo, por quem Harry passara na plataforma nove e meia, entrou. Parecia choroso.

- Desculpem, vocês viram um sapo?

Quando os dois sacudiram a cabeça, ele chorou.

- Perdi ele! Está sempre fugindo de mim!

- Ele vai aparecer – consolou Harry.

- Vai – disse o menino infeliz. – Se você vir ele...

E saiu.

- Não sei por que ele está tão chateado – disse Rony. – Se eu tivesse trazido um sapo ia querer perder ele o mais depressa que pudesse. Mas, trouxe o Perebas, por isso nem posso falar nada” (ROWLING, 2000. P 93)

Nessas duas passagens, percebe-se que Neville é um *loser*, começando pelo fato de seu animal de estimação ser um sapo – poucas páginas antes, nos é dito que, no *ranking* dos animais de estimação permitidos pela escola – coruja, gato ou sapo -, o sapo ocupa o último lugar no quesito “popularidade entre estudantes”. O fato de Neville perdê-lo frequentemente não o ajuda em nada a melhorar a primeira impressão que temos dele. Assim, a imagem que Neville passa tanto para Potter

quanto para os leitores é a de um garoto gordinho que, por ser atrapalhado, sempre perde seu animal de estimação.

Neville é apresentado nos primeiros quatro livros como um garoto desajeitado e aluno mediano. Sua falta de autoestima dá-se principalmente devido à maneira como foi criado por sua avó. Seus parentes acreditavam que ele era um *aborto* – pessoa não-mágica nascida de família mágica – e isso, para alguns bruxos, é motivo de vergonha. Nós só sabemos desse aspecto da vida dele porque Potter escutou algumas conversas enquanto tomava café da manhã.

“–Bom, minha vó me criou e ela é bruxa, mas a família achou durante anos que eu era completamente trouxa. (...).Meu tio Algi veio tomar chá conosco e tinha me pendurado pelos calcanhares para fora de uma janela do primeiro andar, quando (...) ele sem querer me deixou cair. Mas eu descii flutuando até o jardim e a estrada (...). E vocês tinham que ter visto a cara deles quando entrei para Hogwarts. Achavam que eu não era bastante mágico para entrar, entendem.” (ROWLING, 2000. P 111)

Assim, tudo indicava que Longbottom seria apenas mais um personagem secundário, um alívio cômico em sua baixa autoestima, o estereótipo do aluno gordinho e desajeitado. Até Potter parece pensar assim, por isso diz a ele que precisa aprender a enfrentar os outros. É importante salientar que Neville é colega de Grifinória de Harry Potter, o que significa que mesmo que inicialmente ele não seja tão considerado pelos demais, o Chapéu Seletor, objeto mágico que “enxerga” o interior do bruxo antes mesmo de ele enxergar a si próprio, percebeu nele a coragem e a necessidade de se provar, requisitos para a Casa. Durante quase todo o primeiro romance, Potter não dá muita atenção ao seu colega, e por isso os leitores não têm muitas informações sobre sua personalidade. Até que Neville consegue fazer algo até então surpreendente: enfrenta seus amigos. Esse enfrentamento se dá quando Neville tenta, em vão, impedir que Harry Potter, Rony Weasley e Hermione Granger saiam escondidos do dormitório, durante a noite.

“-Vocês não podem sair – disse Neville-, vocês vão ser pegos outra vez. Grifinória vai ficar ainda mais enrolada.
- Você não compreende – disse Harry. – Isso é importante.
Mas Neville estava claramente tomando coragem para fazer alguma coisa desesperada.
- Não vou deixar vocês irem – disse, correndo a se postar diante do buraco do retrato. – Eu... eu vou brigar com vocês.
- *Neville* – explodiu Rony -, se afaste desse buraco e não banque o idiota...
- Não me chame de idiota!(...)” (ROWLING, 2000. P 233)

Esse é o primeiro ato de coragem de Neville, pode ter sido um pequeno gesto, mas aqui afloram aspectos que não conhecemos de sua personalidade, o que para um bom leitor é indício da insuficiência e da parcialidade do narrador. Afinal, como disse Professor Dumbledore, diretor da escola: “– Existe todo o tipo de coragem – disse Dumbledore sorrindo. – É preciso muita audácia para enfrentarmos os nossos inimigos, mas igual audácia para defendermos os nossos amigos” (ROWLING, 2000. P 261)

Durante os três anos seguintes, que correspondem aos próximos três livros, Longbottom não tem participação ativa na vida de Potter, o que significa que continua com a mesma função de colega atrapalhado, já que Harry dificilmente o enxerga além disso. Há, porém, alguns momentos como o anterior, em que o narrador percebe elementos que Harry não consegue perceber, ou se o faz não os assimila como demonstração de uma personalidade complexa, em função de sua imaturidade e visão superficial. Por exemplo, quando o Professor Lupin o ensina a enfrentar seus medos, quando Neville convida Hermione e, após a recusa desta por já ter par, Gina para ir com ele no Baile de Inverno, no quarto ano. Narrativamente, são momentos em que se altera o foco narrativo, desprendendo-se da visão limitada e parcial de Harry para algo mais próximo de um narrador onisciente. Ainda no quarto ano, é significativa a passagem em que o Professor Moody está ensinando sobre as três Maldições Imperdoáveis:

“O garoto pareceu surpreso com a própria ousadia. (...)

- Tem uma, a Maldição *Cruciatus* – disse Neville, numa voz fraca, mas clara.

(...) Harry olhou para a amiga. Ela estava com os olhos postos não na aranha, mas em Neville, e Harry, ao seguir a direção do seu olhar, viu que as mãos do garoto se agarravam à carteira diante dele, os nós dos dedos brancos, seus olhos arregalados e horrorizados.”(ROWLING,2001. P 172-173)

“Neville estava em pé sozinho, no meio do corredor, de olhos fixos na parede de pedra oposta, com a mesma expressão horrorizada e pasma que fizera quando Moody demonstrara a Maldição *Cruciatus*. (...)

-Neville, você está bem? – perguntou Hermione.

- Ah, claro, estou ótimo – balbuciou o garoto, na mesma voz anormalmente aguda – Jantar muito interessante... quero dizer, aula... que será que tem para comer?”(ROWLING, 2001. P 176)

Percebemos que há algo de muito estranho em Neville e, embora não tenhamos - a princípio – o conhecimento dos motivos que o levaram a agir assim,

sabemos que é alguma memória dolorosa e (para os mais observadores) que esta memória está relacionada à Maldição *Cruciatu*s. Entendemos mais adiante que os pais dele foram torturados com essa Maldição. Portanto, é mais um caso de manipulação da narrativa; embora o foco narrativo continue atrelado ao olhar de Harry, um leitor mais vivido do que as crianças da história sabe ler os sinais de Neville. Novamente temos o narrador se aproximando da onisciência.

Todos os acontecimentos anteriores que Neville vivencia, e que Potter presencia, nos conduz ao *turning point* na vida do primeiro. É a partir de *Harry Potter e a Ordem da Fênix* que Neville se consolida como personagem de maior profundidade e significação na trama. É a partir desse livro que começamos a ter a real dimensão da importância dele na história. Um dos acontecimentos-chave para a mudança de Neville é a criação da Armada de Dumbledore. A Armada é uma espécie de grupo de estudos clandestino, especializado em combate, que foi criado a partir da necessidade de aprimorar técnicas de lutas que deixaram de constar na grade curricular. A AD, como é conhecida a Armada de Dumbledore, é comandada por Potter e é através dele que vemos a mudança no comportamento de Longbottom, que começa a se esforçar mais que os demais quando a notícia de que os torturadores de seus pais fugiram da prisão nos é revelada.

“Mas em ninguém essa melhoria foi mais pronunciada do que em Neville. A notícia da fuga dos atacantes dos seus pais produziu nele uma alteração estranha e até ligeiramente assustadora. (...) De fato, Neville quase não falava mais durante as reuniões da AD, trabalhava sem descanso em cada azaração e contra-azaração que Harry ensinava, seu rosto gorducho contorcido de concentração, aparentemente insensível aos ferimentos ou acidentes, se esforçando mais do que qualquer outro na sala. Estava melhorando tão de pressa que chegava a assustar” (ROWLING, 2003. P 451)

Potter passa a perceber a mudança no comportamento de Longbottom. A necessidade de provar seu valor e sua coragem está mais latente. Ele passa a ter uma motivação a mais: estar preparado para enfrentar, caso necessário, os Comensais da Morte. É como se alguém acionasse o botão “ligar”, e Neville finalmente mostrasse do que é capaz. O dia de enfrentar o mal cara a cara chega, e Potter, seja por não confiar nas habilidades de Neville, seja para protegê-lo ou ainda por não achar justo dividir o fardo que carrega com mais alguém, tenta impedi-lo de o acompanhar em sua missão.

“- Estivemos todos juntos na AD – disse Neville em voz baixa – A idéia era combater Você-sabe-quem, não? E esta é a primeira oportunidade que temos de fazer alguma coisa de verdade – ou será que aquilo tudo foi uma brincadeira ou o quê?
- Não... claro que não foi... – retrucou Harry impaciente.
- Então deveríamos ir também – concluiu Neville com simplicidade – Queremos ajudar.” (ROWLING, 2003.P 616)

Assim, Longbottom participa efetivamente de sua primeira batalha contra os Comensais. Ele parece extremamente focado, confiante e corajoso: qualidades que alguns anos antes seriam pouco esperadas dele. Uma demonstração dessa coragem recém descoberta é quando Harry está encurralado na batalha: “– Ele não está sozinho! – gritou uma voz do alto – Ainda tem a mim!” (ROWLING, 2003. P 647), diz Neville a um Harry perplexo por sua atitude.

Finda a batalha, nos é apresentada uma informação muito relevante, que tanto diz respeito à vida de Harry quanto à de Neville: a profecia feita antes de ambos nascerem e que se aplicaria aos dois. Essa profecia é sobre “aquele que pode derrotar o Lorde das Trevas” que nascerá ao “fim do sétimo mês” e é filho “de quem o desafiou três vezes”. Até então, a profecia é aplicável aos dois, já que ambos nasceram no final de julho – Neville no dia 30 e Harry no dia 31. A parte da profecia que faz com que estejamos lendo a saga de Harry Potter, e não de Neville Longbottom, é a que diz que “o Lorde das Trevas o marcará como seu igual”(ROWLING 2003. P 679). Voldemort atacou pessoalmente os Potter e mandou seus subordinados cuidarem dos Longbottom. Assim, temos a real razão pelo qual os pais de Neville foram torturados, e, por causa dessa tortura, internados com danos mentais irreversíveis. É possível dizer que o quinto ano na escola de Hogwarts foi um divisor de águas para Neville. Marca o início de sua atitude heroica.

Em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, não temos uma participação tão efetiva de Neville porque Potter está concentrado em outras tarefas – o professor Dumbledore o está ensinando sobre a vida de Tom Riddle, verdadeiro nome de Voldemort para que Harry possa conhecer o que enfrentará -, assim a AD ficou de lado. Contudo, quando Hogwarts é invadida por Comensais da Morte, Neville é um dos únicos membros da Armada a responder ao chamado para o combate. Ele luta ferozmente e não se machuca gravemente. É interessante salientar que, agora, Harry tem mais apreço por Neville do que nunca, tanto que, quando uma colega vai convidar

Potter para se sentar com ela, e nesse meio tempo menospreza Neville, Harry responde: “– Eles são meus amigos – respondeu Harry com frieza. (...) – Vocês são legais – disse Harry resumindo. – Nenhuma delas esteve no Ministério. Não combateram comigo” (ROWLING, 2005. P 111).

No último livro da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, Harry não volta a Hogwarts para estudar por causa de alguns acontecimentos no ano anterior: a morte de Dumbledore e a necessidade de sair à procura das Horcrux – pedaços da alma de Voldemort aprisionados em objetos comuns, como diário, medalhão, tiara. Assim, notícias sobre Neville não chegam até Harry e, conseqüentemente, até nós. Potter só retorna ao Castelo porque segue uma pista de que lá existe uma Horcrux e é lá que acontece a Batalha Final.

Neste ponto da narrativa, Hogwarts está sob o controle de Voldemort, que após a morte de Dumbledore, coloca seus seguidores como professores e diretor. Assim, a escola que até então era sinônimo de segurança, em grande parte pela presença de Dumbledore, passa a representar perigo aos alunos. É nessa atmosfera de repressão que ressurge Neville Longbottom como símbolo de resistência, uma lacuna deixada por Potter, como diz a Harry no momento em que se reencontram:

“(...) E tem uma coisa, faz bem quando alguém os enfrenta, dá esperança a todos. Eu observei tudo isso quando você se rebelava, Harry. (...) Costumávamos sair escondidos à noite e rabiscar nas paredes: *Armada de Dumbledore: o recrutamento continua.*, e outras coisas do gênero, o Snape odiava.” (ROWLING, 2007.P 447-448)

Só percebemos o amadurecimento e a nova atitude de Neville na Batalha Final. Voldemort atrai Harry para um duelo na Floresta Proibida, parte integrante do terreno de Hogwarts. Harry vai disposto a morrer e, assim, vencer a Morte – algo de que Voldemort nunca foi capaz, já que sua intenção era ser imortal. Potter perde a consciência e, ao recobrá-la, finge-se de morto e percebe estar sendo carregado para o Castelo por seu amigo Hagrid. É nesse momento que ressurge Neville.

“Alguém se destacara da multidão e investira contra Voldemort: Harry viu o vulto bater no chão, desarmado, Voldemort atirar a varinha do desafiante para o lado e rir.

- E quem é esse? – perguntou com seu silvo suave de ofídio.
– Quem está se voluntariando para demonstrar o que acontece com os que insistem em lutar quando a batalha está perdida?

Belatriz deu uma gargalhada prazerosa.

- É Neville Longbottom, milorde! O garoto que andou dando trabalho aos Carrow! O filho dos aurores, lembra?"(ROWLING, 2007. P 568).

Diante da impotência de seus aliados, devido ao choque de saber que sua grande esperança, Potter, havia morrido, Neville aparece como que assumindo o seu lugar como “reserva na profecia”. Mesmo sabendo que não seria páreo para o Lorde das Trevas, Longbottom age e reafirma sua lealdade a Dumbledore, único bruxo que Voldemort já temeu. Quando o Lorde das Trevas o convida a se aliar a ele, Neville responde: “Me juntarei a você quando o inferno congelar. Armada de Dumbledore!” (ROWLING, 2007. P 568).

É devido a essa lealdade que o que acontece a seguir tem tanto significado, mas antes é preciso voltar um pouco na história. Quando Harry chega a Hogwarts em busca das Horcrux, delega - a contragosto, pois acha que deve resolver tudo sozinho - a Neville uma importante missão: embora não precise saber dos motivos, é vital que Nagini, a cobra que está sempre ao lado de Voldemort, seja morta. Longbottom não entende as razões – nem faz questão de entendê-las -, mas aceita sua missão.

Neville enfrenta o Lorde das Trevas e tem o Chapéu Seletor, que está em sua cabeça, incendiado, quando consegue se livrar do Chapéu e de um feitiço que o prendia. É nesse momento que o Chapéu lhe concede uma arma que só aqueles verdadeiramente leais a Dumbledore e à Escola podem receber: a espada de Godrico Gryffindor, um dos quatro bruxos que fundaram Hogwarts.

“Com um único golpe, Neville decepou a cabeça de Nagini, que girou no alto, reluzindo à luz que vinha do saguão de entrada, e a boca de Voldemort se abriu em um berro de fúria, que ninguém pôde ouvir, e o corpo da cobra bateu com um baque surdo aos seus pés...” (ROWLING, 2007. P 570)

Usando a espada de Gryffindor e com ela matando a cobra do Lorde das Trevas, Neville demonstra que está cada vez mais longe do garotinho atrapalhado do primeiro livro. Para nós, em uma primeira leitura dos livros, a transformação na atitude de Longbottom se dá de forma muito abrupta e surpreendente porque Harry, até o quinto ano escolar, que corresponde ao quinto livro, nunca havia se dado a oportunidade de conhecer melhor seu colega. Contudo, quando passamos a analisar as ações de Neville, tentando nos separar da visão de Potter, percebemos que ele sempre

teve, dentro de si, a coragem que demonstrou ao enfrentar Voldemort e derrotar Nagini.

A percepção parcial dos fatos se dá devido à maneira como a narrativa é construída, a partir do ponto de vista de Harry e, assim, atendendo a lógica da literatura juvenil. Essa percepção parcial também garante o engrandecimento de Harry como herói da história a partir do momento em que sua visão de mundo se abrange.

2. Draco Malfoy: muito além do garoto mimado

O maniqueísmo presente na forma de pensar de Harry Potter é bem perceptível quando analisamos o personagem Draco Malfoy. Potter não gosta de Malfoy e a recíproca é verdadeira. É devido à necessidade que Harry tem de achar que nada do que o Draco faça possa ser bom que demoramos a perceber a humanização de Malfoy.

Draco Malfoy é o primeiro estudante de Hogwarts com quem Harry Potter tem contato, e Potter não gosta nem um pouco do que vê. Malfoy lembra o primo de Harry, Duda, pelo fato de ser um garoto muito mimado e arrogante.

“– *Eu sei, meu pai falou que vai ser um crime se não me escolherem para jogar pela minha casa, e sou obrigado o dizer que concordo. Já sabe em que casa você vai ficar?*

- Não – respondeu Harry, sentindo-se a cada minuto mais idiota.

- Bom, ninguém sabe mesmo até chegar lá, não é, mas sei que vou ficar na Sonserina, toda a nossa família ficou lá, imagine ficar na Lufa-Lufa, acho que eu saía da escola, você não?

(...)

- *Acha, é?* – disse o garoto com um leve desdém – Por que é que ele está acompanhando você? Onde estão os seus pais?

- Estão mortos – respondeu Harry secamente. Não tinha muita vontade de alongar o assunto com esse garoto.

- Ah, lamento – disse o outro, sem parecer lamentar nada. – Mas eram do nosso povo, não eram?

- Eram bruxos, se é isso que você está perguntando.”
(ROWLING, 2000. P)

Até esse momento, Draco não sabia que estava falando com o famoso Harry Potter – fama que lhe é atribuída por ter derrotado o Lorde das Trevas quando era um bebê. Quando Malfoy descobre a identidade de Potter, seu interesse em ter alguém com tal fama no seu círculo de amizade aumenta consideravelmente.

“Olhou para Harry com um interesse muito maior do que revelara no Beco Diagonal.

- É verdade? – perguntou – Estão dizendo no trem que Harry Potter está nesta cabine. Então é você?

- Você não vai demorar a descobrir que algumas famílias de bruxos são bem melhores do que outras, Harry. Você não vai querer fazer amizade com as ruins. E eu posso ajudá-lo nisso.

Ele estendeu a mão para apertar a de Harry, mas Harry não a apertou.

- Acho que sei dizer qual é o tipo ruim sozinho, obrigado – disse com frieza.” (ROWLING, 2000. P 96-97)

É a partir desse momento que os dois viram rivais, rivalidade essa que cada vez se acentua mais, com a escolha, imediata, de Malfoy como membro de Sonserina. A seleção das Casas tem papel importante na inimizade entre os dois porque sonserinos e grifinórios, desde a fundação da Escola, são adversários. As qualidades dos sonserinos são a astúcia, a determinação, a ambição, a criatividade e a sede por poder, e todas elas são encontradas em Malfoy ao longo dos sete livros.

“ Ou quem sabe a Sonserina será a sua casa
E ali fará seus verdadeiros amigos,
Homens de astúcia que usam quaisquer meios
Para atingir os fins que antes colimaram” (ROWLING, 2000. P
105)

Malfoy passa a maior parte do seu primeiro ano escolar querendo, no mínimo, colocar Potter na detenção – punição aos alunos que quebram alguma regra escolar, que varia de situação para situação. O que Draco quer, na realidade, é a expulsão de Potter e é por isso que tenta induzir Harry a quebrar as regras, seja fazendo-o voar na vassoura depois que a professora sai para socorrer Neville, seja fazendo-o perambular durante a noite pelo Castelo.

“Ele perdeu a animação mais depressa do que quando mergulhara. A Profa. Minerva vinha correndo em direção à turma. Ele se levantou tremendo.
- *Nunca...* em todo o tempo que estou em Hogwarts...
A Profa. Minerva quase perdeu a fala de espanto e seus óculos cintilavam sem parar, “... como é que você se *atreve...* podia ter partido o pescoço...”
(...)
Harry viu as caras vitoriosas de Draco, Crabbe e Goyle ao sair acompanhando, a Profa. Minerva, que seguiu para o castelo. Ia ser expulso, sabia.” (ROWLING, 2000. P 131)

Em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, Draco, movido pela inveja que sente pelo talento de Harry para quadribol – o jogo mais popular no mundo bruxo -, pede ao seu rico pai que compre as melhores vassouras de corrida e as dê para os outros jogadores. Assim, ele “conquista” seu lugar no time, na mesma posição que Potter joga desde o ano anterior.

“- Você não é o filho de Lúcio Malfoy? – perguntou Fred, com ar de desagrado.
-Engraçado você mencionar o pai do Draco – disse Flint enquanto o time inteiro da Sonserina sorria com mais prazer. – Deixa eu mostrar a vocês o presente generoso que ele deu ao time da Sonserina.

(...)

- Sou o mais novo apanhador da Sonserina, Weasley – disse Draco, presunçoso. – O pessoal aqui está admirando as vassouras que meu pai comprou para nosso time.

(...)

- Pelo menos ninguém do time da Grifinória teve de *pagar* para entrar – disse Mione com aspereza – Entraram por puro talento.

O ar presunçoso de Draco pareceu oscilar.

- Ninguém pediu sua opinião, sua sujeitinha de sangue ruim. – xingou ele.” (ROWLING, 2000. P 99-100)

No segundo livro há a abertura da Câmara Secreta pelo “herdeiro de Slytherin”, fazendo com que todos aqueles que são nascidos em famílias de “trouxas” – não-bruxos – estejam em perigo. Potter, movido pela curiosidade que tomou conta do colégio, deduz que o único possível herdeiro seria Malfoy, já que ele não perde uma oportunidade de insultar qualquer pessoa que não possa lhe oferecer alguma coisa, sempre ressaltando o quão rico é e a sua “superioridade” por ser puro-sangue.

“- Vamos pensar – disse Rony fingindo-se intrigado – Quem é que conhecemos que acha que os que nascem trouxa são escória?

Ele olhou para Mione. Mione retribuiu o olhar sem se convencer.

- Se você está pensando no Draco...

- Claro que estou! – exclamou Rony. – Você ouviu quando ele disse: “*Você será o próximo, Sangue Ruim!*”, vem cá, a gente só precisa olhar para aquela cara nojenta de rato para saber que é ele...

- Draco, o herdeiro de Slytherin? – disse Mione cética.

- Olha só a família dele – disse Harry, fechando os livros também. – Todos foram da Sonserina; ele está sempre se gabando disso. Podiam muito bem ser descendentes de Slytherin. O pai dele decididamente é bem malvado.” (ROWLING, 2000. P 138)

A dedução deles estava errada dessa vez, assim como muitas outras depois, e Draco continua agindo durante os quatro primeiros anos escolares e a maior parte do quinto da mesma forma: insultando as pessoas, passando por cima delas e tentando afastar seus desafetos de Hogwarts. Contudo, assim como para Longbottom, o quinto ano é marcante para Malfoy.

Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, Harry é tido como louco por afirmar que Voldemort retornou. O Ministério da Magia, com o intuito de abafar a crise, desacredita Potter e designa uma pessoa, que se reporta diretamente ao ministro, para das aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas. Umbridge, a professora que trabalha para o Ministério, é nomeada Alta Inquisidora: ir contra o que ela diz é ir contra o Ministro em pessoa. Para ajudá-la na tarefa de reprimir os estudantes rebeldes, ela cria a Brigada Inquisitorial, agremiação de que Draco faz parte.

Malfoy agora tem uma missão que ele fica muito feliz em cumprir: delatar possíveis movimentos anti-ministério. Potter é seu rival pessoal e principal aluno-opositor da política do governo, logo, Draco agora tem poder e o “dever” de “infernizar” a vida de Harry e seus amigos. No cumprimento de seu dever, Malfoy tira pontos de Rony, por estar com a camisa para fora da calça, de Hermione, por ter “sido rude” para com Umbridge e por ser “sangue-ruim” e de Harry, por simplesmente não gostar dele. Draco, junto com outros membros da Brigada, descobre as atividades da Armada de Dumbledore.

Até esse momento, o quinto ano de Malfoy era bem promissor em sua perspectiva: Potter estava desacreditado e ele tinha poder para importuná-lo sem que fosse punido por isso. Sua sorte, contudo, muda com a Batalha no Ministério. O pai de Draco, Lúcio Malfoy, é um Comensal da Morte que estava lutando na batalha e que, no final dela, foi capturado e preso. Começa, então, a virada na vida de Malfoy.

“Malfoy olhou para os lados – Harry sabia que o garoto estava verificando se havia sinal de professores – e depois para Harry, e disse em voz baixa.

- Você está morto, Harry.

Harry ergueu as sobrancelhas.

- Engraçado, então eu deveria ter parado de circular por aí...

Malfoy parecia mais furioso do que Harry jamais o vira; sentiu um espécie de satisfação distante à vista daquele rosto pontudo e pálido contorcido de raiva.

- Você vai me pagar – disse Malfoy em um tom que era quase um sussurro. – Vou fazer você pagar pelo que fez ao meu pai...” (ROWLING, 2003. P 687)

Com a prisão de Lúcio, a família Malfoy perde seu prestígio, tanto perante a sociedade quanto perante Voldemort. A sociedade bruxa agora sabe que os Malfoy são seguidores do Lorde das Trevas e todos se afastam para não serem considerados seguidores também. Voldemort, por sua vez, está muito desgostoso com Lúcio porque ele falhou algumas vezes: a primeira falha foi em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, quando Lúcio, desavisado de que se tratava de uma Horcrux, implanta o diário de Tom Riddle (verdadeiro nome de Voldemort) em Hogwarts e ele acaba sendo destruído. A outra falha, e talvez a mais importante, foi na Batalha do Ministério da Magia, quando Lúcio falhou não só em capturar Harry quanto em obter a profecia. No final, a profecia – que estava em uma bola de cristal - se quebrou e Lúcio foi capturado. Em retaliação, o Lorde das Trevas incumbiu a Draco uma missão impossível: matar Alvo Dumbledore.

Narcisa Malfoy, mãe de Draco, sabendo ou prevendo a missão de Draco, pede que o Professor Severo Snape – Comensal da Morte infiltrado em Hogwarts – ajude seu filho na missão, seja cuidando dele, seja cumprindo a missão em si. Para isso, ela pede que Snape faça o Voto Perpétuo – caso o quebre, vai morrer. A princípio, temos um Draco que está ciente de sua missão e que sabe esconder muito bem seus verdadeiros sentimentos, mostrando aos outros sua habitual atitude convencida e, ao mesmo tempo, começamos a perceber uma leve preocupação pelo bem-estar de sua família.

“– Comente isso com alguém – disse Malfoy – e sofrerá o castigo merecido. O senhor conhece Fenrir Greyback? É um amigo da família, e virá visitá-lo de vez em quando para verificar se o senhor está dedicando total atenção ao problema.

(...)

- E nem uma palavra pra ninguém, Borgin, nem mesmo minha mãe, entendeu? (ROWLING, 2005. P 101-102)

Durante a viagem rumo a Hogwarts, Harry, cada vez mais certo de que Malfoy está tramando alguma coisa, se infiltra no vagão de Draco para tentar descobrir alguma coisa. Contudo, devido a um descuido seu, Harry é descoberto e é nessa hora que Malfoy tem sua vingança, prometida no quinto livro.

“De repente Malfoy apontou a varinha para Harry, que ficou instantaneamente paralisado. (...) Não conseguia mover um músculo; só conseguia olhar para Malfoy, que exibia um grande sorriso.

(...)

Ele estudou Harry por alguns instantes.

- Você não ouviu nada que me preocupe, Potter. Mas aproveitando que está aqui...

E pisou com força o rosto de Harry, que sentiu o nariz quebrar e sangue espirrar para todos os lados.

- Isso foi pelo meu pai. Agora, vamos ver...” (ROWLING, 2005. P 122-123)

A partir desse momento, temos uma nova visão sobre Draco Malfoy porque passa de um garoto mimado para alguém observador e esperto. Um oponente desafiador, já que, até então, Draco era visto como alguém que só sabia agir através de capangas. Malfoy, sabendo que Potter estava o espionando, não fala nada que possa ser considerado algo além de auto-valorização. Harry divide o que descobriu com seus amigos Rony e Hermione, mas estes acham que a conversa não tinha nenhuma espécie de significado oculto.

Obstinado, Harry segue Draco durante o ano letivo, sempre tentando convencer seus amigos de que Draco está planejando algo. Por isso, quando uma colega de Harry precisa ser levada ao hospital bruxo por ter tocado em um colar amaldiçoado, Potter é o primeiro a acusar Malfoy.

“- Já chega – disse a professora McGonagall, quando Hermione abriu a boca para retorquir, furiosa – Potter, eu agradeço ter me contado isso, mas não podemos acusar Malfoy simplesmente porque ele visitou a loja onde o colar poderia ser comprado. Isso provavelmente se aplicaria a centenas de pessoas...

(...)

- ...e além disso – disse a professora McGonagall com um ar inabalável -, o Sr. Malfoy não esteve em Hogsmeade hoje.

Harry olhou-a boquiaberto e menos seguro.

- Como é que a senhora sabe, professora?

- Porque ele estava cumprindo uma detenção comigo. (...)

- (...)Por que será que Malfoy a mandou levar o embrulho para o castelo?

- Harry, Malfoy não esteve em Hogsmeade! – lembrou Hermione, dessa vez batendo o pé de frustração.

- Então ele deve ter usado um cúmplice, Crabbe ou Goyle...(...)

Rony e Hermione trocaram olhares que diziam claramente “não adianta discutir com ele”.

- E desde quando Malfoy é um dos grandes pensadores do mundo? – perguntou Harry.

Nem Rony nem Hermione lhe responderam.” (ROWLING, 2005. P 201-202)

Harry não se convence de que Draco seja inocente ou que não esteja armando nada e passa a segui-lo e a monitorá-lo através do Mapa do Maroto – mapa dos terrenos da escola, com todas as passagens secretas, e que mostra todas as pessoas em Hogwarts e em qual parte do castelo elas estão. Algumas vezes, Potter perde Malfoy de vista e isso o intriga ainda mais, já que o mapa nunca erra. Em uma de suas vigias, Harry nota algo incomum: Draco Malfoy está no banheiro masculino com a Murta-Que-Geme, fantasma que assombra o banheiro feminino.

“ Draco Malfoy estava parado de costas, com as mãos apoiadas dos lados da pia e a cabeça loura curvada.

- Não – murmurou a Murta-Que-Geme, de um dos boxes. – Não... me conte qual é o problema... posso ajudar você...

- Ninguém pode me ajudar- respondeu Malfoy. Todo seu corpo tremia. – Não posso fazer isso... não posso... não vai dar certo... e se eu não fizer logo... ele disse que vai me matar...

E Harry percebeu, com um choque tão colossal que pareceu pregá-lo no chão, que o garoto estava chorando, realmente chorando, as lágrimas escorriam do seu rosto pálido para a pia encardida. Malfoy ofegou e engoliu em seco e, então, com um estremeção (sic), olhou para o espelho rachado e viu Harry encarando-o por cima do seu ombro.” (ROWLING, 2005. P 409)

Esta é a primeira vez em que Harry, e nós leitores, percebe que Draco é um ser humano frágil, sensível e que possui seus próprios problemas. É a primeira vez que sentimos simpatia por Draco e, por termos um conhecimento que Harry não tem – o Voto Perpétuo entre Snape e Narcisa Malfoy, realizado em um dos capítulos em que o foco narrativo não é Potter –, sabemos que a tarefa é algo que Lorde Voldemort ordenou. A tarefa destinada a Malfoy é completamente revelada a Harry durante a Batalha na Torre de Astronomia.

Depois de uma pequena viagem para encontrar uma horcrux, Dumbledore e Harry retornam ao castelo e estão na Torre de Astronomia. Poucos minutos depois, chega Draco e desarma Dumbledore poucos segundos depois que este imobiliza Potter para sua própria segurança. O professor e Malfoy conversam e fica claro que as desconfianças de Harry em relação a Draco eram todas concretas. Malfoy ainda mostra seu lado humano ao afirmar que fez o que fez para salvar sua família de Voldemort – o Lorde das Trevas ameaçou matar Draco e seus pais caso falhassem. Malfoy deixou de ser um personagem plano – totalmente mau, na visão de Harry – e passou a ser complexo.

“- Draco, Draco, você não é um assassino.

- Como é que o senhor sabe? – replicou Draco prontamente.

Ele deve ter percebido como suas palavras soaram infantis; Harry viu-o corar à claridade verde da Marca.

- O senhor não sabe do que sou capaz – disse o garoto, com mais firmeza -, o senhor não sabe o que fiz!

(...)

Malfoy apenas olhava o diretor.

- Entendo – disse Dumbledore bondosamente, quando viu que Malfoy não se mexia nem falava – Você tem medo de agir até que eles cheguem.

- Não tenho medo! Vociferou Malfoy, embora não fizesse movimento para atacar Dumbledore – O senhor é que deveria estar com medo!

- Mas por quê? Acho que você não vai me matar, Draco. Matar não é tão fácil quanto crêem os inocentes... (...)

(...)

- Incomoda-me. – Harry viu os pés do diretor deslizarem ligeiramente pelo chão e ele tentar se manter de pé. – Quanto a estar prestes a me matar, Draco, você já teve longos minutos. Estamos sozinhos. Estou mais indefeso do que você poderia ter sonhado em me encontrar e, ainda assim, você não me matou...

Malfoy torceu a boca involuntariamente, como se tivesse provado alguma coisa muito amarga.

(...)

- *Minhas opções!* – exclamou Draco alto. – Estou aqui com uma varinha... pretos a matar a senhor...

- Meu caro rapaz, vamos parar de fingir. Se você fosse me matar, teria feito isso quando me desarmou, não teria parado para conversarmos amavelmente sobre meios e modos.

- Não tenho opções! – respondeu Malfoy, e subitamente ficou tão pálido quanto Dumbledore. – Tenho que fazer isso. Ele me matará! Ele matará minha família toda!

(...)

- (...) Agora, finalmente podemos falar às claras... não houve mal algum, você não feriu ninguém, embora tenha tido muita sorte que sua vítimas impremeditadas sobrevivessem... posso ajuda-lo, Draco.

- Não, não pode. – A mão de Malfoy que empunhava a varinha tremia muito fortemente. – Ninguém pode. Ele me mandou fazer isso ou me matará. Não tenho escolha.” (ROWLING, 2005. P 459-464)

Harry passa a perceber que Draco também tem seus próprios problemas e que, apesar do que parecia até então, não é uma pessoa má. Potter também mal consegue imaginar o tamanho da pressão por que Malfoy está passando.

No último livro da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, Draco Malfoy não é um personagem muito presente, uma vez que tanto ele quanto Harry não voltam para o colégio naquele ano. Contudo, isso não significa que não temos nenhuma informação sobre ele. A primeira vez que Draco aparece no último livro é logo no primeiro capítulo – um dos poucos cujo ponto de vista não é o do personagem-título. Nele, é mostrado claramente o desprestígio da família Malfoy perante Voldemort.

A próxima vez em que Draco aparece, é quando Harry, Rony e Hermione são capturados por Comensais da Morte e levados até o quartel-general – a mansão dos Malfoy. Potter está com o rosto desfigurado devido a feitiços que sua amiga Hermione lhe lançou no intuito de disfarçá-lo. Assim, os raptos não têm certeza de que pegaram a pessoa certa e por isso pedem a Draco que faça o reconhecimento. Se o reconhecimento for positivo, sua família volta às graças com o Lorde das Trevas. Draco, contudo, não está nada satisfeito com tudo o que está acontecendo e, portanto, sua identificação não é precisa, embora Harry - e os leitores - saibam que ele está mentindo e, com isso, pondo sua própria família em risco para proteger Potter.

“ – Não tenho... não tenho muita certeza – respondeu Draco. Mantinha distância de Greyback, e parecia tão atemorizado de olhar para Harry quanto Harry para ele.

(...)

- Não sei – respondeu, e voltou para junto da lareira onde sua mãe o observava.

(...)

- Eu... talvez... é.

(...)

- É - tornou Draco, de costas para os prisioneiros. – Poderia ser.” (ROWLING, 2007. P 356-357)

Durante a Batalha em Hogwarts, Draco e seus capangas Crabbe e Goyle encontram Harry, Rony e Hermione na Sala Precisa, sala que se transforma em tudo que se precisa: banheiro, esconderijo. Draco está lá para levar Harry a Lorde Voldemort, Crabbe e Goyle não o viam mais como “chefe”: “ – Deve significar? – Crabbe se voltou para Malfoy, com visível ferocidade. – Quem se importa com o que você pensa? Não recebo mais ordens suas, *Draco*. Você e seu pai já eram.” (ROWLING, 2007. P 490). Draco ainda tenta evitar que Crabbe e Goyle tentem matar Potter. Crabbe não o escuta e acaba colocando fogo – o Fogo Maldito, que não pode ser apagado com água – na Sala Precisa. O fogo sai de controle e Harry acaba salvando a vida de Malfoy e de Goyle. Mais adiante na história, quando Harry enfrenta a Morte, o Lorde das Trevas manda Narcisa Malfoy atestar a morte de Potter. Ela nota que ele está vivo e pergunta se seu filho Draco ainda está no castelo. Ao receber uma resposta afirmativa, Narcisa diz que Harry Potter está morto: é sua única chance de entrar na escola para procurar seu filho. Quando a batalha acaba e Voldemort está morto, os Malfoy são vistos “juntinhos, como se não soubessem se deviam ou não estar ali, mas ninguém lhes dava a menor atenção” (ROWLING, 2007. P 580)

Com a derrocada da família Malfoy a partir do final do quinto livro, Draco demonstra sua faceta humanizada, até então nunca vista por Harry. Draco é o antagonista de Potter, e talvez seja por essa razão que Harry queira mudar sua opinião pré-formada de que Malfoy era apenas um garoto mimado e malvado. Portanto, as atitudes de Draco – não querer matar Dumbledore, não ter certeza na hora do reconhecimento – aparecem como inesperadas e surpreendentes em função do maniqueísmo característico da percepção da criança e do adolescente, Harry, cujo ponto de vista orienta a narrativa ao longo das sete obras da série.

Considerações Finais

Este trabalho teve por finalidade analisar dois dos personagens de *Harry Potter* que mais surpreendem aos leitores por causa de suas transformações no decorrer dos romances. Os personagens escolhidos, Neville Longbottom e Draco Malfoy, foram analisados através da percepção do narrador. O foco narrativo dos romances é estabelecido a partir do personagem Harry Potter, cuja visão parcial dos acontecimentos leva a construção de um narrador não-confiável.

O percurso de Neville Longbottom evolui ascendentemente. Ele começa a história sem auto-estima, em parte devido à maneira como foi criado. À medida que seus amigos e alguns professores vão lhe injetando confiança, Neville melhora como bruxo e pessoa, mostrando facetas que a narrativa limitada e parcial até então não soubera evidenciar. Draco Malfoy, por sua vez, primeiramente era visto como antagonista de Harry Potter, o oposto dele: um garoto mimado. No decorrer da história, sua família perde o prestígio e, em virtude disso, Malfoy demonstra atitudes que o protagonista dificilmente atribuiria a ele e, conseqüentemente, também os leitores veem como surpreendentes.

Assim, o que podemos perceber nesta análise é que, devido à visão parcial de Harry e pelo fato de ele estabelecer o ponto de vista narrativo da história, somos surpreendidos pelas mudanças nas características dos personagens. Contudo, o leitor mais atento entende que a visão do narrador é condicionada e que por isso as transformações não são nem abruptas nem espantosas, mas meramente resultantes do crescimento dos personagens ao longo dos sete anos em que a história se desenrola, crescimento esse que se evidencia tanto em suas ações quanto em sua capacidade de observação e aceitação do outro.

Podemos perceber também que o valor literário de uma obra não é, necessariamente, inversamente proporcional à quantidade de livros vendidos. Mesmo uma obra de grande apelo popular como *Harry Potter* tem inúmeros aspectos interessantes, não só a estrutura narrativa, e por isso merece ser objeto de estudo.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. Tradutor: Flávio Kothe.

BOOTH, Wayne C. *Rhetoric of Irony*. Chicago: The University of Chicago Press, 1974.

_____. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco Narrativo e Fluxo da Consciência: Questões de Teoria Literária*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1981.

_____. *O Narrador Infiel e outros Estudos de Teoria e Crítica Literária*. São José do Rio Preto: Rio-pretense, 2005.

CORSO, Diana. Anatomia de Harry Potter. Caderno Cultura, *Zero Hora*, Porto Alegre, 22 de novembro de 2003.

FISCHER, Luís Augusto. Os 7 segredos de Harry Potter. Revista *Super Interessante*, São Paulo, janeiro de 2004.

FRUET, Isabela Scholten. *Elementos da Narrativa na Série Harry Potter: Espaço e Personagens*. Trabalho de Conclusão em Letras apresentado na Faculdade de Letras da UFRGS, 2008.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. Série Princípios. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1985.

LIMA, Raimundo de. O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje. In: *Revista Espaço Acadêmico*. Dezembro, 2001. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/007/07ray.htm>>. Acessado em 24/05/2011.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Tradutor: Lia Wyler

_____. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Tradutor: Lia Wyler.

_____. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Tradutor: Lia Wyler.

_____. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. Tradutor: Lia Wyler.

_____. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Tradutor: Lia Wyler.

_____. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
Tradutor: Lia Wyler.

_____. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
Tradutor: Lia Wyler.

SCHÜLER, Donaldo. *Teoria do Romance*. São Paulo: Ática, 1989.